

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e professional dos cegos

Publicação mensal—Assignatura por anno 500 réis

A importancia total das assignaturas d'esta publicação reverte a favor das Officinas «Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide, para onde devem ser enviadas directamente todas as quantias e a correspondencia relativa á administração do Jornal

REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa	REDACTOR BRANCO RODRIGUES	ADMINISTRAÇÃO Asylo dos Cegos Castello de Vide
---	--	---

A PRIMEIRA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CEGAS

Não ha creança nenhuma cega a quem os seguintes conselhos deixem de ser applicaveis.

Se os paes seguirem taes conselhos, seus filhos poderão chegar um dia a ganhar honradamente a sua vida.

Se os não seguirem, seus filhos serão infelizes quando reconhecerem que são entes inuteis por não poderem ganhar a vida pelo trabalho.

Essas creanças accusarão seus paes por não lhes terem dado a primeira educação, e por terem sido a verdadeira causa da sua desgraça.

*

1) Devemos ensinar a creança cega a andar, na mesma idade em que se ensinam as que teem vista.

2) O mais cedo possivel devemos ensinar a creança a vestir-se, a despir-se sósinha, a lavar-se, a assoar-se. Tudo isto pôde a creança cega fazer com tanta facilidade como a que tem vista.

3) Devemos acostumar a creança cega a comer só e a servir-se da colher, do garfo, e mais tarde da faca. Este ensino deve ser bastante minucioso, visto a creança não poder imitar os gestos das outras pessoas.

4) Devemos attender muito ás posições que as creanças tomam, porque, como ellas não podem ver as outras pessoas, estão expostas a contrahir habitos, que mais tarde é difficil fazer-se-lhes perder. Não devem, por exemplo, costumar-se a esfregar os olhos, a balouçar a cabeça, a estar curvadas.

5) É necessario que a creança cega brinque. A maior parte das vezes será obrigada a brincar sósinha, ou com um unico companheiro, não podendo assim tomar parte senão em um pequeno numero de jogos, proprios das creanças com vista, que tem a mesma idade. Devemos ensinar-lhe os jogos que necessitam do uso do tacto e do ouvido. Os jogos *das escondidas e da cabra-cega* são muito bons, se o cego tiver duas ou tres pessoas para jogar com elle.

6) Como a creança cega não pôde brincar tão facilmente ao ar livre como a que tem vista, devemos fazer com que ella dê grandes passeios. Alem d'isso, como a sua enfermidade a predispõe para a vida sedentaria, todos os exercicios ao ar livre lhe são muito uteis, tanto de inverno, como de verão.

7) A creança deve aprender o mais cedo possivel a tornar-se util em casa, encarregando-se de trabalhos que possa executar, especialmente de trabalhos manuaes, como *crochet, rendas*, etc. Ainda que estes trabalhos não possam ser aproveitados, servirão comtudo para desenvolver a dextreza das mãos.

8) Educaremos a creança cega como sendo destinada a viver entre as pessoas com vista e como devendo, pelos seus habitos, pelo seu trabalho, differir d'ellas o menos possivel.

9) Deve-se fallar muitas vezes á creança cega, porque, como ella não pôde ler na physionomia de seus paes a ternura de que é objecto, tem necessidade de ouvir a sua voz mais amiudadamente do que qualquer outra creança.

Deve-se interrogar frequentemente sobre o que ella ouve, sobre o que a rodeia, e ministrar-lhe occasião para que a creança faça bastantes perguntas, ás quaes se deve tambem responder minuciosamente.

10) Se, em geral, é necessario tomar cuidado com as palavras que se pronunciam em presença das creanças, esta prudencia torna-se muito importante com relação ás creanças cegas. Como estas não recebem senão

um pequeno numero de impressões, sobre as quaes se concentram os seus pensamentos, á falta de outros elementos, escutam mais attentamente.

A lembrança do que ouvem não desaparece tão facilmente como acontece com as creanças que teem vista, as quaes ás vezes recebem no mesmo momento impressões muito diversas. Consequentemente, em muitos casos, a creança cega notará e lembrar-se-ha de palavras que a creança com vista nem mesmo chega a ouvir.

Quando fallarmos a uma creança cega devemos-nos lembrar sempre que essa creança escuta as nossas palavras com attenção, com avidéz, que nada lhe escapa, que procura comprehender tudo, e que uma conversação impensada que tenhamos em presença d'ella, será objecto de suas reflexões durante muitas horas, e ás vezes mesmo durante muitos dias.

11) Podemos dar á creança cega a instrucção moral e religiosa, na mesma idade que a ministramos ás que teem vista. Estas recebem muitas vezes aquella instrucção antes de saber ler: acham-se, pois, para este fim nas mesmas condições que as cegas.

12) Para as creanças cegas ainda é mais importante do que para as que teem vista estarem sempre occupadas, quer seja com brinquedos, quer seja com o trabalho.

13) Nunca devemos expressar diante de uma creança cega o pezar que sentimos por vel-a privada da vista; as nossas palavras de nada serviriam: desanimariam a pobre creança, que quasi nunca pensa em se queixar da sua sorte, se não a lastimarmos. Pelo contrario, devemos aconselhal-a a trabalhar, a dispensar o auxilio dos outros, e assim predispoz-a para uma vida util e muitas vezes agradavel.

14) Exercitaremos muito a memoria da creança cega. O cego tem immensa paixão pelas narrações. Devemos-lhe ler bellos trechos historicos e moraes.

15) Como os cegos não podem fazer idéa das cousas materiaes senão pelo tacto, devemos fazer com que elles apalpem em todas as direcções os objectos que quizermos tornar conhecidos. Faremos com que meçam corpos, superficies, linhas. Pelo tacto, combinado com outros sentidos que lhes restam, dar-lhes-hemos a conhecer as moedas, as plantas, os fructos, etc.

16) Quando a creança cega tenha attingido a idade em que as creanças com vista começam a frequentar a escola, ensinal-a-hemos então a ler e a escrever.

A ASSOCIAÇÃO VALENTIM HAÜY PARA O BEM DOS CEGOS

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA

1897

31, Avenida de Breteuil, Paris

I

Fim da associação

A associação Valentim Haüy tem por fim estudar, applicar e propagar tudo o que pôde concorrer para a instrucção, para o allivio, em uma palavra, para o bem moral e material dos cegos.

Para attingir este fim, a associação procura actuar em seu favor sobre a opinião publica, a fim de unir e auxiliar as pessoas e as instituições, que se occupam d'elles.

Abraçando toda a questão dos cegos, ella está entre os grupos e as instituições locais, que fazem um bem real ás categorias de que se occupam, mas que restringem a sua acção a essas categorias, o laço vivo, o fio transmissorio, que tem por fim a iniciativa particular e que permite uma constante troca de idéas, de esforços de todos, em proveito de todos.

É junto d'ella que as pessoas caritativas, que se interessam por um cego, podem encontrar as informações e a direcção que a sua boa vontade sollicita; é ella que se encarrega dos interesses do cego isolado e da iniciativa dos melhoramentos, muitas vezes urgentes, mas que não correspondem ao fim particular de tal instituição, de tal estabelecimento.

II

Séde da associação

Desde o fim do anno de 1895, graças a generosos bemfeitores, que se encarregaram do primeiro anno de aluguer, a associação occupa na avenida de Breteuil, 31, um modesto local, que se tornou realmente a *casa dos cegos*, e onde as suas multiplas repartições, até então dispersas, puderam ser reunidas aos diversos serviços que comportam, serviços que augmentam

constantemente e os quaes se encontrarão, adiante, mencionados detalhadamente:

Secretariado geral, com catalogos, reportorios, informações de todos os generos, que digam respeito á cegueira;

Conferencias Valentim Haüy;

Redacção de periodicos;

Bibliotheca Braille;

Bibliotheca e museu Valentim Haüy;

Deposito de objectos para venda, manufacturados pelos cegos;

Deposito de papeis velhos;

Officina;

Vestiario;

Caixa de alugueis de casas;

Consultas juridicas e medicas, gratuitas;

Reuniões ao domingo, etc.

Assim agrupados e centralizados, os serviços da associação funcionam com mais precisão e economia de tempo, para os que são beneficiados e para os que d'elles se occupam.

Esta pequena casa foi inteiramente mobilada por dadivas de pessoas caritativas, amigas da instituição, ou advertidas pela imprensa das suas necessidades. D'ahi resulta uma certa discordancia no mobiliario, mais do que modesto, mas tambem uma economia das mais apreciaveis, em um orçamento tão restricto.

A associação Valentim Haüy evita, tanto quanto possivel, as despesas geraes, que, muitas vezes, nas instituições de caridade, servem para ser aproveitadas mais pelos empregados do que pelos necessitados; até hoje os unicos empregados remunerados são seis cegos. A *casa dos cegos* está aberta todos os dias (exceptuando os domingos) das dez horas ao meio dia, e das duas ás cinco da tarde; é mais interessante ser visitada á quarta feira, porque é o dia em que a maior parte dos serviços funcionam simultaneamente.

III

Organisação da associação

Os meios de acção da associação, são:

1.º O concurso activo dos seus membros, que consagram uma parte

do seu tempo e das suas faculdades ao serviço da instituição. (A associação tem um movimento annual de cerca de 8:000 cartas, recebidas ou escriptas para interesse dos cegos).

2.º Os recursos materiaes são os seguintes:

Membros adherentes—1 franco por anno.

Membros perpetuos—25 francos por uma só vez.

Membros doadores—dadia inferior a 500 francos.

Membros bemfeitores—dadia superior a 500 francos.

Toda a dadiva, qualquer que ella seja, é recebida com reconhecimento. Visto ser reconhecida de utilidade publica, a associação Valentim Haüy está apta para receber legados.

É administrada por um conselho, composto por partes iguaes de videntes e de cegos. (Tem actualmente como secretario geral um cego, M. Maurice de la Sizeranne.)

Este conselho divide-se em tres commissões, que se reúnem periodicamente:

1.ª Administração e propaganda;

2.ª Estudos e publicações;

3.ª Protectorato, prophylaxia e estatistica.

Uma commissão de senhoras esforça-se por fazer interessar o publico nos differentes propositos da associação e de lhe augmentar os recursos.

IV

Administração e propaganda

A administração comprehende a contabilidade, as medidas proprias para augmentar o orçamento da instituição, os trabalhos officiaes, a correspondencia geral, etc.

A propaganda, que não é synonymo de *proselytismo*, para a associação Valentim Haüy, é extremamente grande,—abraça toda a causa dos cegos.

A primeira commissão está, por consequencia, encarregada das relações com a imprensa, isto é, da publicidade que se deve dar a todos os factos que tenham relação com os cegos, e que podem elucidar a opinião publica sobre a sua verdadeira situação; deve sollicitar dos poderes publicos e das grandes administrações a adopção de medidas favoraveis, pro-

vocar a criação, ou, segundo a necessidade, auxiliar o aperfeiçoamento dos estabelecimentos uteis aos cegos, e fazer com que as diversas obras se conheçam, se auxiliem mutuamente, para o maior bem dos seus protegidos.

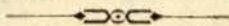
V

Estudos e publicações

A segunda comissão da associação é composta por especialistas, que estudaram a maior parte dos systemas, dosapparelhos imaginados, para os cegos, e estão informados com exactidão de tudo quanto apparece, a fim de melhor se elucidar; a comissão reclama muitas vezes o concurso das pessoas que são especialistas em um assumpto particular.

Em toda a parte, hoje, reconhece-se a necessidade de formar grupos para estudar as questões e unificar os esforços; a comissão de estudos e de publicações constitue este grupo *technico*; graças a ella, quando em França, ou no estrangeiro, se dá um acontecimento que se relacione com os cegos, a associação é immediatamente avisada, quasi sempre consultada, porque se sabe que ella deseja que todos os typhlophilos se aproveitem da somma consideravel de trabalhos e conhecimentos, por ella colhidos.

(Continúa)

**OS CEGOS**

Pelo cego M. de la Sizeranne

(EXTRACTOS)

PSYCHOLOGIA DO CEGO

III

(Continuação)

Uma similhante educação dada a uma creança dotada de boa vista, não produziria sempre effeitos identicos?

Não se deve, pois, dizer: A cegueira torna as pessoas orgulhosas, etc.; mas sim: A cegueira não é um talisman contra o orgulho, o egoismo e os outros defeitos da humanidade.

O cego, comtudo, tem mais tendencia para a ordem do que ninguem, pelo menos nos moveis e nos objectos que possam embaraçar o caminho; porque para as pequenas cousas, se conheço cegos que amam a ordem, conheço outros mais desordenados do que o mais desordenado dos videntes.

A ordem impõe-se ao cego a cada passo, a cada minuto da sua existencia.

Como não tem vista para saber a distancia a que está um livro ou um utensilio, que procure, para evitar tropeçar em qualquer movel, em uma cadeira, em um obstaculo qualquer que lhe impeça o caminho, resulta que é obrigado a gostar da ordem.

Uma casa sempre desarranjada não é agradavel a ninguem; é particularmente desagradavel para o cego, cuja locomoção se tornará penosa e hesitante se, a cada instante, os moveis mudarem de logar.

A cegueira predispõe tambem á observação.

Quando se não vê e se quer tirar bom partido das outras faculdades, é-se obrigado a analysar, a raciocinar mais sobre todas as percepções, e todas as impressões.

Esta necessidade da reflexão conduz um certo numero de cegos a uma vida interior assás intensa.

Admitte-se geralmente que o cego é alegre e o surdo é triste.

Ora, para quem conhece bem os cegos, é evidente que esta alegria, notada por tantas pessoas, é mais subjectiva do que objectiva. Eu me explico.

Quando se vae visitar um cego, ou muitos cegos, espera-se encontrar seres lugubres e dignos de dó, deplorando em perpetuas e lacrimejantes elegias a desgraça do ser privado do spectaculo da abobada azulada, do sol, da lua, das estrellas e de todas as outras cousas que fazem parte de uma classica descripção da natureza. Prepara-se para esse effeito uma boa provisão de piedade e de consolação; e depois vê-se que não é nada d'isso: encontra-se em presença de uma creança ou de um homem como tantos outros, que falla de toda a especie de cousas, excepto da sua cegueira, na qual elle não pensa senão em certos momentos, quando, por exemplo, deixa cair um objecto rodante que escape por muito tempo às suas pesquizas.

Muitas vezes estabelece-se um paralelo entre a alegria do cego e a tristeza do surdo.

(Continúa)